

 **FACULDADE DE ILHÉUS**  **CESUPI**
COLEGIADO DO CURSO DE PSICOLOGIA
COORDENACAO DA MONOGRAFIA
MONOGRAFIA

LARA PASSINHO SODRÉ

**A RELEVÂNCIA DO BRINCAR NA NATUREZA PARA O
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM O TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

Ilhéus – Bahia
2021

 **FACULDADE DE ILHÉUS**  **CESUPI**
COLEGIADO DO CURSO DE PSICOLOGIA
COORDENACAO DA MONOGRAFIA
MONOGRAFIA

LARA PASSINHO SODRÉ

**A RELEVÂNCIA DO BRINCAR NA NATUREZA PARA O DESENVOLVIMENTO
DA CRIANÇA COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

Monografia (Artigo científico) entregue para acompanhamento como parte integrante das atividades de TCC II do Curso de Psicologia da Faculdade de Ilhéus, com a orientação do Prof.^a Ms. Esp. Alba Mendonça Alves.

Ficha Catalográfica
(feita pela Bibliotecária após a aprovação do trabalho)

**A RELEVÂNCIA DO BRINCAR NA NATUREZA PARA O DESENVOLVIMENTO
DA CRIANÇA COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA).**

LARA PASSINHO SODRÉ

Aprovado em: __ / __ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Alba Mendonça Alves – Mestre (a)
Faculdade de Ilhéus - CESUPI
(Orientadora)

Prof. Indira Vita Pessoa– Mestre (a)
Faculdade de Ilhéus - CESUPI
(Avaliadora I)

Prof. Lahiri Lourenço Argollo – Mestre
Faculdade de Ilhéus - CESUPI
(Avaliador II)

Dedicatória

À todas as crianças em especial as com o transtorno do espectro autista que são o público a quem eu destinei esse trabalho.

À mãe natureza, que clama pelo retorno e acolhimento de seus filhos.

Aos meus pais que forneceram toda a base e acolhimento para que eu chegasse até aqui e a minha irmã Luana que esteve ao meu lado em todos os momentos, me acolhendo e acreditando em meu potencial.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por ter me fornecido forças e sabedoria para caminhar até aqui, e nunca ter soltado a minha mão.

A minha mãe que sempre foi minha maior inspiração, e sempre me acolheu nos momentos difíceis.

Ao meu pai que sempre investiu em mim e nunca me deixou desistir dos meus sonhos, mesmo quando tudo parecia difícil.

A minha irmã Luana por toda essa irmandade, escuta, apoio, e amor que me ofertou durante a vida, e a minha irmãzinha mel que mesmo não tendo noção de nada fez parte disso tudo.

Aos meus amigos/colegas de classe que se tornaram minha família durante esses anos de graduação e que sempre me aceitaram e me acolheram nesse processo, em especial os queridos: Beatriz Bonfim, Carol Venâncio, Leandro Pallafoz, Thaisnan Carvalho, Gabriel Felipe, Estherfane e outros, e aos amigos que encontrei ao longo dessa vida e que me apoiaram durante a construção desse trabalho: Flavia Céó, Iraiza Souza, Ludmilla Marques, Marília Celis, Maria Alice Freire, e também a Gabriela Schiavon, por ter chegado nessa fase final e me dado forças e acolhimento nesse processo.

Agradeço também a minha Orientadora Alba Mendonça por ter topado me orientar desde o início, pela dedicação e conhecimento que me passou ao longo desse trabalho, e pela confiança que teve em mim durante esse processo.

E aos professores que foram base para minha formação com toda competência e humanidade cito aqui especialmente: Laysa Rodrigues, Indira Vita, Julianna Nascimento e Marcos Lordão.

E a todos que de alguma forma contribuíram nesse processo, deixo aqui toda minha gratidão.

A RELEVÂNCIA DO BRINCAR NA NATUREZA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Lara Passinho Sodré¹

RESUMO

O trabalho em questão tem como proposta principal trazer uma reflexão sobre o brincar na natureza como intervenção terapêutica para crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), correlacionando sua significância dentro desenvolvimento infantil e assumindo o poder inovador que o brincar apresenta nas intervenções realizadas às crianças com o transtorno. Objetiva-se abordar como o brincar na natureza favorece o desenvolvimento de diversas habilidades da criança com autismo, como por exemplo, habilidades nas áreas cognitivas, motoras, de saúde mental e física. Através de pesquisa bibliográfica, foi utilizado como base alguns conceitos e ideias de teóricos como o conceito sobre a Bioecologia do desenvolvimento humano do Bronfenbrenner (1961), sobre o brincar na visão do Winnicott (1975), e o desenvolvimento da aprendizagem da criança no ambiente, do Vygotsky (1998). O trabalho traz como resultados que o brincar como intervenção lúdica, terapêutica e educacional fornece inúmeros benefícios para as crianças com TEA, principalmente em meio a natureza, como: desenvolve habilidades de comunicação e interação com o meio e com os outros; ajuda a estabelecer vínculos afetivos; amplia suas habilidades de percepção e atenção; aperfeiçoa o desenvolvimento de expressão de seus sentimentos e queixas, assim como auxilia em sua coordenação motora e fornece uma melhor saúde física, até mesmo por ser uma ambiente interativo e aberto, e mental.

Palavras-chave: Intervenção terapêutica. Autismo. Ambiente. Brincar. Psicologia.

THE RELEVANCE OF PLAYING IN NATURE FOR THE DEVELOPMENT OF CHILDREN WITH AUTISTIC SPECTRUM DISORDER (ASD)

ABSTRACT

The main purpose of this research is to reflect about playing in nature as a therapeutic intervention for children with Autism Spectrum Disorder (ASD), correlating its significance with child development, and assuming the innovative potential that the act of playing represents in interventions performed by children with the disorder. The objective of this study is to address how playing in nature benefits the development of various skills of children with autism, such as cognitive, motor, mental as well as physical skills, among others. Through bibliographical research, it was used as fundamental references the concept of Bronfenbrenner's

¹ Discente do 9º semestre do Curso de Psicologia da Faculdade de Ilhéus. E-mail: sodrelara18@gmail.com

(1961) Bioecology of Human Development, Winnicott's (1975) vision about playing and Vygotsky's (1998) idea of the development of children's learning in the environment. As results, the study shows that playing - especially in nature - as a playful, therapeutic and educational intervention, offer numerous benefits for children with ASD, such as: developing communication skills and interaction with the environment and with others; helping to establish affective bonds; expanding their perception and attention skills; improving the development of expression of their feelings and complaints, as well as assisting in their motor coordination and providing a better physical and mental health, particularly because nature provides an interactive and outdoor environment.

Keywords: Therapeutic intervention. Autism. Environment. Playing. Psychology.

1 INTRODUÇÃO

Segundo dados da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) de 2017, uma em cada 160 crianças tem Transtorno do Espectro Autista (TEA). Esse é um transtorno que não apresenta cura. Seus principais sintomas são problemas na comunicação, dificuldades de estabelecer contatos e relações sociais e alguns problemas cognitivos, no entanto quanto mais cedo começar o tratamento maior a possibilidade de estimular esse indivíduo a obter um melhor prognóstico (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019).

A partir desses dados e dessa necessidade de estimulação do indivíduo, torna-se importante analisar e avaliar métodos que auxiliem para um melhor desenvolvimento dessa criança que foi diagnosticada. Encontra-se na literatura indicações do brincar como importante ferramenta para trabalhar com crianças com o transtorno, no entanto, com o passar dos anos cada vez mais as crianças são privadas e afastadas desta experiência, principalmente quando se trata do brincar explorando a natureza.

Limitadas a um espaço cada vez mais fechado e tecnológico, essas crianças perdem oportunidades terapêuticas da brincadeira, e acabam se afastando cada vez mais da natureza e das contribuições que ela oferece (COCITO, 2016). Diante desse problema, os motivos para se tratar dessa relação do brincar e da natureza se dá pelos benefícios que esta proporciona à criança como por exemplo, o aprimoramento do seu desenvolvimento físico, mental, social, motor, cognitivo, além de fornecer habilidades nas áreas de cognição, motricidade, comunicação etc. E será abordado ao longo do texto, o auxílio que essa convivência com a natureza traz na vida das crianças com TEA. Portanto, como existe um crescente desligamento das crianças a esses espaços e ao brincar, deve-se gerar mais pesquisas de conhecimento público sobre essa temática para evitar as consequências que esse afastamento pode gerar.

Sendo assim os objetivos que serão respaldados nesse trabalho para nortear essa problemática são: expor um contexto geral sobre o TEA, seus critérios de diagnóstico de acordo com a Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10) e o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) e sintomas comuns, dissertar as influências positivas que o contato com a natureza pode trazer no desenvolvimento da criança com o transtorno, e evidenciar principalmente no processo do brincar nesse ambiente que é o ponto principal desse trabalho.

2 METODOLOGIA

O trabalho em questão foi realizado através de pesquisas em bibliografias e artigos científicos para a devida fundamentação teórica do tema proposto. Foi abordado temas como o Transtorno do Espectro Autista e seu contexto geral, e ao longo do processo foi-se afinando sobre o brincar como métodos de desenvolvimento de uma criança com autismo e sobre os benefícios terapêuticos de se brincar na natureza.

A estruturação teórica utilizada foi retirada e devidamente referenciada das plataformas Google Scholar, Scielo, protocolos do SUS e a declaração dos direitos universais das crianças.

Diante disso, pode-se falar que o trabalho foi referenciado por fontes íntegras para obtenção de conhecimentos claros e concisos.

3 O BRINCAR NA NATUREZA PARA A CRIANÇA COM TEA: UMA VISÃO PSICOLÓGICA E EDUCACIONAL

3.1 Transtorno do Espectro Autista (TEA)

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD) que apresenta modificações em pelo menos 3 âmbitos do indivíduo, sendo esses as habilidades sociais, a linguagem e comunicação, e o comportamento, apresentando padrões repetitivos, estereotípias ou comportamentos limitados (SANTA CATARINA, 2015).

As características essenciais do transtorno do espectro autista são prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social (Critério A) e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (Critério B). Esses sintomas estão presentes desde o início da infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário (Critérios C e D). O estágio em que o prejuízo funcional fica evidente irá variar de acordo com características do indivíduo e seu ambiente (DSM-V, 2014).

De acordo com esses critérios de diagnósticos, na área de habilidades sociais e de comunicação, a criança pode apresentar déficits na sua comunicação verbal e não verbal, tendo dificuldades de se expressar, como por exemplo em contatos visuais e expressões corporais e/ou faciais diante dos outros. Estas podem apresentar déficits na área socioemocional, apresentando dificuldades de manter diálogos, falta de interesses na socialização e no compartilhamento de brincadeiras, onde o indivíduo vai preferir dialogar e brincar por si só, e também pode apresentar impasses no momento de se adequar a diferentes contextos (DSM-V, 2014).

Já na área de comportamento, com padrões restritos e repetitivos, é observado estereotípias motoras, e falas repetitivas, também pode ser analisado uma cristalização nas suas rotinas, trazendo inquietação e repulsa muitas vezes quando alguma situação “foge” do habitual de seu dia a dia. Em algumas situações os indivíduos com o transtorno podem apresentar hiperreatividade a alguns estímulos sensoriais, já em outros pode ocorrer a hiporreatividade. E estas apresentam, por exemplo, indiferenças a dor, podendo inclusive machucar a si próprio, e em outros casos extrema sensibilidade à mesma (DSM-V, 2014).

Segundo o manual de diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM- V), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) dispõe de 3 níveis de comprometimento, sendo estes o nível 1 que necessita de suporte, o indivíduo tem dificuldades em interagir, e ocorre tentativas atípicas de fazer amizades, tem limitações na sua independência, pois exibe problemas de organização e planejamento. O nível 2, necessita de suporte substancial, a criança mesmo com ajuda apresenta déficits para se comunicar e conversar, a iniciativa para interagir socialmente é bem reduzida e exibe comportamentos mais estereotipados, trazendo também repulsas e angustias ao mudar de ambientes e de rotinas, e dificuldades no foco/atenção. E o nível 3 é o que necessita de muito suporte substancial, existem prejuízos graves nessas áreas de interação e comunicação, e os comportamentos estão consideravelmente mais repetitivos e com maiores dificuldades de mudanças na rotina (DSM-V, 2014).

Geralmente alguns desses sintomas relacionados ao TEA começam a ser percebidos e determinados antes dos 3 anos de idade, no entanto, o diagnóstico precoce é mais complexo de ser sustentado. É a partir dessa idade que ele se torna mais claro e visto com mais credibilidade, de toda forma, o quanto antes for dado esse diagnóstico, melhor será o desenvolvimento desse indivíduo. Embora tenha ocorrido muitos avanços nessa área, ainda existe uma grande defasagem ao se tratar da veracidade desses procedimentos e da qualificação profissional para lidar com o transtorno, tanto na área da saúde, quanto educacional e até programas que auxiliem no processo. Isto posto, ainda existe muitas crianças sem o diagnóstico correto ou que são

diagnosticadas em uma idade avançada que pode acabar dificultando no tratamento (MULICK, SILVA, 2009).

A dificuldade que se tem em obter esse diagnóstico acontece por diversos fatores, sendo os mais relevantes: não se ter um exame laboratorial específico para a descoberta do transtorno, a variedade de sintomas que podem ser apresentados e que podem ser confundidos com outros transtornos ou problemas específicos, a existência de diferentes graus de comprometimento dentro do espectro, a falta de informação e conhecimento sobre o autismo no âmbito familiar, e uma defasagem na qualificação dos profissionais para lidar com o transtorno (JENDREIECK, 2014).

Mesmo com as dificuldades encontradas, existem diversos programas e políticas públicas que auxiliam no processo de descoberta desse transtorno e que fornecem todo o apoio necessário. Um dos mais populares é o Centro de Atenção Psicossocial Infantil (CAPS-i), uma instituição pública que acompanha a criança e sua família desde o início, na formulação de um diagnóstico, sendo submetidos a uma anamnese para saber se serão aceitos para o programa. A partir desse momento os profissionais junto com a família vão organizar um projeto de intervenções de acordo com as necessidades subjetivas da criança. Os projetos ofertados na instituição são, inicialmente um tratamento individualizado para criar vínculos com a criança, após esse momento são ofertadas diferentes atividades terapêuticas como oficinas em grupo, atividades lúdicas, atendimentos individuais com diferentes profissionais (Médicos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas entre outros), além da instituição ofertar também acompanhamento para a família desse indivíduo, com instruções e psicoeducação sobre o transtorno, tornando claro a importância da participação da família no processo (QUARESMA, SILVA, 2011).

Outro programa, é o projeto AMA (Associação de amigos do autista) que é considerada uma instituição de utilidade pública criada em 1983, e que foi desenvolvida no intuito de ajudar os indivíduos com o transtorno do espectro autista oferecendo tratamentos de forma gratuita a mais de 380 crianças, além de ajudar a conscientizar e auxiliar as famílias dessas crianças. O projeto também promove o desenvolvimento de pesquisas sobre o autismo e disseminam todo esse conhecimento para a população por meio de pesquisas, cursos e palestras (Associação de amigos do autista AMA, 2021).

O autismo, por ser um transtorno que afeta mais de uma área do desenvolvimento do indivíduo. Diante disso existe a necessidade de envolver uma equipe multidisciplinar como Psicólogos, Fonoaudiólogos, Fisioterapeutas, Terapeuta Ocupacional, Pedagogos, entre outros, para um tratamento completo da criança (D' ALESSANDRO, SAMPAIO, 2018).

E existem também inúmeros recursos terapêuticos para o desenvolvimento desses indivíduos com o transtorno, sendo alguns deles à terapia ABA (Análise do Comportamento Aplicada), que a partir da observação do comportamento, tem o intuito de ensinar a criança habilidades necessárias para conquistar um menor nível de dependência. A TEACCH (Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handcapped Children), que se baseia em uma avaliação do perfil do indivíduo analisando seus interesses e especialidades para conseguir realizar um programa individualizado para a criança assistida, organizando rotinas, espaços e outros pontos para que a criança consiga organizar e compreender o mundo ao seu redor. Outras estimulações consideradas importantes no processo de tratamento são a utilização do lúdico, das brincadeiras e jogos e até mesmo os espaços terapêuticos em que são desenvolvidas (PROENÇA et al., 2019).

Sendo assim para que o indivíduo com TEA apresente um bom desenvolvimento e se torne menos dependente em diversas situações cotidianas, considera-se a importante que se estimule a criança o mais cedo possível, e com as devidas atividades e recursos terapêuticos.

3.2 A relevância do contato com a natureza para o desenvolvimento da criança

Uma das vertentes que estuda a relação do ambiente com o indivíduo é a Psicologia Ambiental, que vai abordar o ambiente como influenciador na vida do indivíduo e que este e o meio se relacionam, podendo um modificar o outro. O ambiente é capaz de adotar os costumes, valores, leis, e culturas de quem habita nele, e ao interagir diretamente com esse meio pode-se perceber o modo como ele influencia diretamente na vida dos indivíduos (MOSER, 1998).

Bronfenbrenner (1979) traz nos seus estudos sobre a Bioecologia do desenvolvimento humano, sobre a necessidade de se estudar o desenvolvimento em ambientes naturais que não sejam estáticos. Ele traz o foco para como os processos e materiais psicológicos podem reagir e se modificar quando estão expostos a um determinado ambiente, descrevendo esse processo em uma estrutura que são os níveis de proximidade das pessoas com o meio. Pois segundo ele, não é só o ambiente imediato e direto em que a pessoa está inserida que vai influenciar no seu processo de desenvolvimento e sim todo um contexto em camadas, sendo essas o microsistema, mesossistema, exossistema e o macrossistema (BRONFENBRENNER, 1979\1996).

O microsistema é o nível mais próximo e direto de comunicação e interação com as pessoas e os objetos do local, esse nível diz respeito das casas, creches, escolas, e relações com a família, amigos e professores. O mesossistema se refere à união de microsistemas ou

ambientes, e mostra que aprendizados de um ambiente podem ser levados para outros locais como o bairro, transportes, entre outros. Já o Exossistema são ambientes que o indivíduo interage indiretamente, mas ainda assim influenciam no contexto próprio dessa pessoa, como exemplo o local de trabalho de seus pais ou responsáveis. E o macrosistema são ambientes com estrutura mais ampla sem local específico, que além de envolver os conhecimentos dos sistemas anteriores, existe um contato mais geral como a cultura, leis, normas e valores locais (BRONFENBRENNER, 1979\1996).

Esses estudos têm importância considerável para a Psicologia do desenvolvimento infantil, pois ajudam na compreensão das interações indivíduo e meio. Existe também uma necessidade humana de se estabelecer uma vinculação afetiva com o ambiente em que está inserido. No entanto, diversas vezes esse vínculo não se estabelece porque na maioria das cidades o capitalismo torna os ambientes cada vez mais funcionais e padronizados para um funcionamento globalizado, escasseando recursos naturais e dificultando ainda mais uma identificação das pessoas com o meio em que estão inseridas. No trato infantil, é essencial identificar ou mesmo desenvolver ambientes com potencial para um desenvolvimento saudável e acolhedor do indivíduo (LIMA, BOMFIM, 2009).

No processo de desenvolvimento da infância, existem diversos ambientes que são idealizados e planejados para a aprendizagem da criança. Em regra, na educação infantil, existe toda uma estrutura pensada para um maior acolhimento desses alunos e para sua aprendizagem. No entanto, deve ser pensado em ambientes que possam gerar possibilidades da criança de se expressar e ativar seu potencial criativo e motivar a sua aprendizagem (COCITO, 2016).

Um estudo feito em 950 escolas de ensino fundamental, em Massachusetts, após ter eliminado os fatores econômicos e sociais que refutariam essa conclusão, demonstrou que alunos de escolas que possuem áreas naturais, não só painéis solares e sim natureza, se saíram consideravelmente melhor nas provas (TERRA, 2020).

A natureza é considerada um desses locais com grande potencial de aprendizado, ela nos proporciona diversas possibilidades de criação, de contato, e de desenvolvimento. Por ser um espaço não estruturado por pessoas, ela pode prover para as crianças momentos de descoberta, de troca e reinvenção desse ambiente, de geração de vínculos com a terra e de acesso a todo potencial que a natureza proporciona não só para as crianças como para os adultos que as acompanham, podendo estes auxiliá-las a desenvolver práticas construtivas nesses espaços (COCITO, 2016).

A criança ao explorar e brincar nessa natureza, vai se beneficiar com o desenvolvimento físico, mental, social, motor, cognitivo, entre outros, pois serão expostas a experiências

sensoriais ricas, onde vão sentir diversas texturas, cheiros, descobrir coisas novas, criando e manipulando os diversos elementos da natureza. Também vão entrar em contato com os riscos e desafios desse espaço, ajudando-os a ter uma maior consciência e controle de suas ações, e é a partir disso que elas vão mostrar todas as suas potencialidades (ROSA, 2013).

Trazendo o foco para as crianças com o transtorno do espectro autista (TEA), a natureza vai fornecer recursos para o desenvolvimento dessas habilidades citadas. Na área cognitiva, analisa-se que ao estar em contato com a natureza a criança passa a ter um maior poder de observação e de criatividade, se tornam mais imaginativas e apresentam maior capacidade de estabelecer relações interpessoais e intrapessoais, sendo de fundamental importância para uma criança com o transtorno, já que ocorre déficits na cognição e comunicação/socialização. Já na área de saúde mental, pode-se pontuar que esse convívio com a natureza ajuda a diminuir o estresse e a tensão na vida dessas crianças com TEA, trazendo uma sensação maior de bem-estar e um aumento na sua capacidade de concentração e atenção, pois observa-se que espaços limitantes e fechados podem causar uma angústia e uma inquietação no indivíduo com autismo. Na área de saúde física a natureza pode contribuir positivamente em diversos aspectos como uma melhora no equilíbrio e coordenação motora das crianças, um maior desenvolvimento físico, que a longo prazo vai evitar que essas crianças desenvolvam doenças e limitações relacionadas ao sedentarismo, como a obesidade (BARAKAT, et al., 2019).

Muitos pais têm medo de expor a criança, principalmente com o transtorno, a esses ambientes abertos e pouco estruturados, no entanto, de acordo com pesquisas, o índice de acidentes em meio à natureza é consideravelmente menor do que em outros ambientes, inclusive essa relação criança e natureza pode auxiliar no monitoramento dos seus medos, pois são mais livres para agir e aprender com seus atos (LOUV, 2005).

No entanto deve-se considerar a subjetividade de cada um, pois cada criança com TEA tem níveis de comprometimento diferentes e vão necessitar de ajuda e orientações específicas nesses espaços. Sendo assim um dos locais seguros e apropriados para inserir uma criança nesses ambientes de natureza é a escola, pois é o segundo local depois da sua casa, que a criança passa maior tempo do seu dia, além de ser um espaço de aprendizado, onde os profissionais poderão desenvolver junto com as crianças atividades e principalmente brincadeiras nessa natureza, já que o brincar é considerado uma importante ferramenta de aprendizado na infância.

Segundo Vygotsky (2010), a criança passa a desenvolver seus processos de aprendizado por meio da sua relação e interação com o meio ambiente e com a cultura que está inserida. Ele aborda que existem os processos naturais de maturação do indivíduo, como aspectos físicos e biológicos, mas salienta que os processos psicológicos de aprendizagem só ocorrem diante do

contato com o meio e sua cultura, e com o devido suporte de outros indivíduos, diante disso ele fala sobre a brincadeira, para a criança, como ferramenta facilitadora nos processos de aprendizado e construção de vínculos tanto com outros indivíduos ou com o ambiente.

Diante disso, é interessante utilizar a brincadeira como ferramenta de aproximação e interação dessas crianças à natureza. Pois não basta somente inseri-las nesse contexto, mas aproveitar de suas funcionalidades e uni-las com o processo do brincar, que é outro método importante para o desenvolver dessas crianças (ERNST, BURCAK, 2019).

3.3 A importância do brincar na natureza para a criança com TEA

O processo do brincar é visto como essencial para o desenvolvimento infantil, e é uma das formas lúdicas mais importantes, espontâneas e prazerosas. O ato de brincar contribui para o aprimoramento das habilidades físicas, cognitivas e motoras, ajuda na construção da personalidade, desperta a criatividade e ajuda nas relações sociais e ao maior entendimento do mundo. E essa atividade vem sendo reconhecida cada vez mais e ganhando espaço em diversos âmbitos, como na área da educação por exemplo, onde é considerada um direito da criança (BRANCO, et al., 2006).

A Organização das Nações Unidas (ONU), na Declaração Universal dos Direitos da Criança afirma: “A criança terá ampla oportunidade para brincar e divertir-se, visando os propósitos mesmos da sua educação; a sociedade e as autoridades públicas empenhar-se-ão em promover o gozo deste direito”. (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA, n.p, 1959). Contudo, faz-se necessário que os familiares e profissionais saibam promover uma forma mais apropriada de ensinar essas crianças por meio de brincadeiras específicas para cada indivíduo, a depender da faixa etária e das habilidades que buscam desenvolver, ou seja, deve-se planejar os tipos de brincadeiras e os aprendizados que estas vão promover, incluindo o brincar não estruturado, que também fornece diversos aprendizados (FLORES, 2011).

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), é por meio do brincar que a criança estabelece relações, e representam demandas da realidade, e diz que essa brincadeira vai ajudar em questões de auto estima, de criatividade e de transformação de suas visões e entendimentos sobre o mundo.

É a partir da brincadeira também que a criança vai estruturar suas relações sociais, evoluindo processos de tomada de decisões, de ser mais ativo, criando mais responsabilidade diante de suas posturas e ações (QUEIROZ, et al., 2006).

Winnicott no seu livro “O brincar e a realidade” traz a seguinte passagem:

Em outros termos, é a brincadeira que é universal e que é própria da saúde: o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia (WINNICOTT, 1975 p.70).

Ou seja, ele debate sobre as potencialidades desse brincar como objeto terapêutico, trazendo que esse processo vai desenvolver uma melhor socialização da criança, ajudando nos processos de comunicação seja verbal e não verbal, fornecendo saúde ao indivíduo, e tem um potencial auto curativo, se a criança não brinca o terapeuta vai ter que trabalhar esse sintoma, pois considera essa atividade necessária para o desenvolvimento (WINNICOTT, 1975).

Outro ponto que ele cita sobre o brincar ser terapêutico, é que se a criança dispor de tempo para exercer a brincadeira, esse momento por si só é uma terapia, sem precisar de nada estruturado, só com a criatividade dessa criança, essa experiência pode ser considerada completa, no entanto na psicoterapia e até na área educacional, esses profissionais devem ter conhecimento e capacitação sobre o assunto, para trabalhar e saber interpretar esse brincar da criança, tornando essa experiência mais produtiva possível (WINNICOTT, 1975).

Trazendo o foco para as necessidades da criança dentro do espectro autista, por exemplo, está também vai se beneficiar com intervenções através de brincadeiras e jogos, pois, partindo do ponto de vista das necessidades e dos comprometimentos que esta apresenta, esse processo vai ajudar na diminuição de alguns padrões disfuncionais, e no desenvolvimento de uma maior liberdade de se expressar, de se relacionar com outros indivíduos e de se adaptar a certos ambientes, por exemplo, o ambiente escolar (MOREIRA, PEREIRA, 2018).

As escolas muitas vezes trazem uma proposta de educação muito metódica e pouco flexibilizada, impedindo muitas vezes o processo de expressão dos alunos, trazendo ambientes fechados, salas com carteiras enfileiradas, com um padrão muito bem estabelecido, isso causa muitas vezes um incomodo nas crianças, principalmente em indivíduos com o transtorno do espectro autista. E esse ambiente escolar deveria ser um lugar que estimula a sensação de conforto e liberdade dos alunos, para que possam desenvolver a criatividade e sintam-se mais à vontade para estimular o aprendizado (MOREIRA, PEREIRA, 2018).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) as propostas pedagógicas para a educação da criança deve levar em conta o binômio cuidar e educar, fornecendo aos alunos uma aprendizagem baseada também na ludicidade, nas brincadeiras, pois por meio dela é possível estimular a motivação dos alunos a aprender e de forma prazerosa, na acessibilidade dos espaços, levando em consideração os indivíduos com

alguma deficiência, e ressalta também a importância de se educar em espaços externos com brincadeiras que proporcionem experiências sensoriais e motoras, com expressões corporais e criativas, levando em consideração a inclusão das crianças com transtornos globais do desenvolvimento, como o TEA, entre outros (BRASIL, 2010).

A brincadeira também é um meio para a criança ligar o seu mundo real e seu contexto externalizando isso no brincar, é uma forma de linguagem e criatividade, ela interpreta papéis e utiliza objetos para substituir coisas (por exemplo, uma caixa pode virar um carro, ou uma vassoura um cavalo) e tem consciência disso. “No brincar as crianças recriam e repensam os acontecimentos que lhes deram origem, sabendo que estão brincando” (RAMOS, 2016).

Sendo assim, esse contato com o brincar na educação auxilia em diversos âmbitos da aprendizagem, e a disposição de espaços para essa ação na escola vai ajudar o professor a formular atividades e brincadeiras que ajudem seus alunos em diversos aspectos, no entanto deve-se pensar no espaço apropriado para a faixa etária permitindo que esses alunos ampliem sua visão criativa e vivenciem experiências ricas e significativas, como por exemplo a inserção de árvores e hortas em um pátio, criação de “rocinhas” ou até mesmo algumas escolas que já dispõem de florestas ou locais arborizados em que as crianças possam interagir e brincar nessa natureza e usufruir dos benefícios desta (SOARES, FLORES, 2017).

O desenvolvimento de brincadeiras em meio a natureza podem ser tanto as brincadeiras não estruturadas, pois o espaço fornece diversos elementos soltos que podem ser utilizados como ferramentas de uma brincadeira, por exemplo, galhos soltos, folhas, terra entre outros, sendo esse o formato que oferece maiores possibilidades de a criança utilizar da sua imaginação, de correr riscos, e serem mais ativas no processo, como também existem diversas brincadeiras que podem ser desenvolvidas nesse ambiente de uma forma mais estruturada (ERNST, BURCAK, 2019).

Algumas brincadeiras podem ser realizadas por educadores ou pais para ajudar a criança, principalmente com TEA, no processo de vinculação com o espaço e promover o desenvolvimento de aspectos dessa criança que são desejados por eles, a partir de determinada brincadeira estruturada. Podemos citar por exemplo o brincar com a terra, que vai ajudar a estimular a imaginação, a criatividade e explorar as sensações, o contato e o toque, podemos citar exemplos como os “brinquedos de chão”, onde as crianças vão recolher alguns objetos da natureza e ao final criar um brinquedo com aqueles materiais; fazer comidinhas com a terra e outros objetos ali encontrados entre outros. Outro exemplo seria o brincar com o ar, esse vai inspirar movimento e sensações de liberdade, pode melhorar a confiança da criança, amenizar tensões, como exemplos específicos temos as brincadeiras de correr, de confeccionar

brinquedos como pipas, cata-ventos e outros. E por último o brincar em meio a água que pode desenvolver o relaxamento, e trazer uma maior entrega àquela vivência, podemos citar exemplos como as confecções de barquinhos para a água, as brincadeiras com bolhas de sabão, entre outros (MACHADO, 2016).

Além dessas brincadeiras citadas, devemos levar em consideração o brincar típico de cada região e de cada cultura em que a criança vai estar inserida, pois faz parte de sua identidade e de seu desenvolvimento como indivíduo social e não devem ser desconsideradas ou anuladas, o Território do brincar, um programa do instituto Alana, retratou as diversas brincadeiras na natureza que são comuns em regiões específicas do Brasil como exemplos: Os carrinhos de carretel que são construídos pelas crianças com pau de mangue e carreteis de pesca, comuns na região de Tatajuba- CE; A brincadeira com peões de tucumã e cabaças comumente encontradas em comunidades indígenas do Panará- PA; e as brincadeiras de pipas, petecas, bolinhas de gude e cantigas de roda, que são comuns em diversas regiões do Brasil, entre outras (MEIRELLES, 2014).

Essas informações demonstram os aspectos positivos do brincar no desenvolvimento da infância, levando em consideração as crianças com o Transtorno do Espectro Autista e as diversas questões e discussões que esse tema fornece, além dos aspectos que interferem nesse desenvolvimento, como a idade da criança, as limitações, os espaços de natureza que está tem acesso, a cultura e o local em que cada criança vai estar inserida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se diagnosticar uma criança com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), a família vai ter que adaptar seu cotidiano e seu modo de viver com a rotina dessa criança. Para isso existem diversas pesquisas e estudos com o intuito de prover alternativas para um melhor desenvolvimento de habilidades que são prejudicadas pelo transtorno.

No trabalho em questão o intuito principal é o de apresentar uma fundamentação sobre a importância do brincar para o desenvolvimento saudável na infância, incluindo as crianças com o transtorno. E mostrar os aspectos positivos de se dedicar um tempo para praticar o brincar com as crianças em um ambiente confortável e saudável, que nesse estudo específico é a natureza.

A natureza é um local com grande potencial de desenvolver o aprendizado e o despertar de habilidades cognitivas, sensoriais, motoras, e sociais, habilidades essas que são afetadas ao se ter o transtorno do autismo. De acordo com pesquisas, a criança com TEA ao brincar nesse

espaço, vai desenvolver um maior poder de observação e de criatividade, se tornarão pessoas mais imaginativas e podem apresentar maior capacidade de estabelecer relações interpessoais e intrapessoais, ajudará também na saúde mental desse indivíduo, possibilitando que a criança diminua os índices de ansiedade e estresse entre outros pontos.

Sendo assim apresenta-se a importância de abordar sobre esse tema pouco comentado para que os familiares e profissionais possam voltar seu olhar para esse ambiente e a entender e aproveitar a relação positiva do mesmo com o desenvolvimento saudável dessas crianças com o transtorno. Já que cada vez mais as crianças estão sendo afastadas dos ambientes ao ar livre e com a natureza.

Deste modo, a partir desse estudo, os pais e educadores de crianças com o TEA podem ofertar essas experiências sensoriais na natureza de diversas maneiras como por exemplo, estes pais podem procurar espaços naturais no seu bairro ou cidade como praças e parques que tenham essa natureza disponível para levar seus filhos ou construir junto com a criança um espaço dentro de casa, como mini hortas permitindo que a criança cuide e se envolva com as plantas. Já no espaço escolar, ao escolher uma escola, deve-se levar em consideração as que dispõem dessa natureza, no entanto, se a criança já estiver inserida em alguma escola que não possuam esses ambientes o ideal seria questionar os motivos e propor ideias aos responsáveis para que a escola possa repensar na inserção desses locais. Já no âmbito de Políticas Públicas, destaca-se a importância de levar essa questão em consideração diante dos benefícios e da necessidade desse contato, e gerar políticas que garantam esse contato com a natureza em espaços públicos e de ensino.

REFERÊNCIAS

APA - AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARAKAT, Hadeer Abd-El-Razak; BAKR, Ali; EL-SAYAD, Zeyad. Nature as a healer for autistic children. *Alexandria Engineering Journal*, [S.L.], v. 58, n. 1, p. 353-366, mar. 2019. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.aej.2018.10.014>. Acesso em: 20 mar. de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília. MEC, SEB, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>. Acesso em: 20 mar. de 2021.

COCITO, Renata Pavesi. A NATUREZA COMO ESPAÇO EDUCACIONAL: oportunidades para a infância. *Colloquium Humanarum*, [S.L.], v. 13, n. p. 94-100, 15 dez. 2016. Associação Prudentina

de Educação e Cultura (APEC). <http://dx.doi.org/10.5747/ch.2016.v13.nesp.000818>. Acesso em: 18 mar. 2021.

D'ALESSANDRO, Araújo Cesárea Ferreira dos Santos; SAMPAIO, Valéria Soares. Autismo: diagnóstico, intervenção precoce e atuação do Ministério Público em Araguaína. **Revista Jurídica do MpeTo**, Palmas, n. 16, p. 3058, jul. 2018. Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/bibli_boletim/bibli_bol_2006/Rev-Juridica-MP-TO_n.16.pdf. Acesso em: 20 maio 2021.

ERNST, Julie; BURCAK, Firdevs. Young Children's Contributions to Sustainability: the influence of nature play on curiosity, executive function skills, creative thinking, and resilience. **Sustainability**, [S.L.], v. 11, n. 15, p. 4212, 4 ago. 2019. MDPI AG. <http://dx.doi.org/10.3390/su11154212>. Acesso em: 20 maio de 2021.

FLORES, Cristiana Domingos. **A importância do brincar para o desenvolvimento da criança de 0 a 3 anos**. 2011. 26 f. Monografia (Doutorado) - Curso de Pedagogia, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2011. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1227/1/PDF%20-%20Cristiana%20Domingos%20Flores.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2021.

HISTÓRIA. **AMA Associação de amigos do Autista**, 2021. Disponível em: < <https://www.ama.org.br/site/ama/historia/> >. Acesso em: 17/04/2021.

JENDREIECK, Céres de Oliveira. Dificuldades encontradas pelos profissionais da saúde ao realizar diagnóstico precoce de Autismo. **Psicologia Argumento**, [S.L.], v. 32, n. 77, p. 153-158, 24 nov. 2017. Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20149>. Acesso em: 17 maio 2021.

LIMA, Deyseane MA; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Vinculação afetiva pessoa-ambiente: diálogos na psicologia comunitária e psicologia ambiental. **Psico**, v. 40, n. 4, p. 11, 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/4711>. Acesso em: 18 maio 2021.

MACHADO, Ana Lucia. **Brincando com os 4 elementos da natureza**. 2016. Disponível em: <http://www.educandotudomuda.com.br/brincando-com-os-quatro-elementos-da-natureza/>. Acesso em: 18 maio 2021.

MEIRELLES, Renata. **Brincadeiras pelo Brasil**. 2014. Disponível em: <https://territoriobrincar.com.br/brincadeiras-pelo-brasil/>. Acesso em: 18 maio 2021.

MOREIRA, Maria Carolina de Araújo; PEREIRA, Olga Aparecida Arantes. Reflexões do brincar como intervenção lúdica no atendimento de uma criança com o diagnóstico de transtorno espectro autista (TEA). **Revista Eie**, Lorena SP, v. 1, n. 4, p. 1-15, nov. 2018. Disponível em: <http://unifatea.com.br/seer3/index.php/EIE/article/view/625>. Acesso em: 17 maio 2021.

MOSER, Gabriel. Psicologia ambiental. **Estudos de psicologia (Natal)**, v. 3, n. 1, p. 121-130, 1998. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26369850_Psicologia_Ambiental. Acesso em: 20 maio 2021.

MULICK, James; SILVA, Micheline; A. Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 29, n. 1, p. 116-131, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/RP6tV9RTtbLNF9fnqvrMVXk/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 maio 2021

PROENÇA, Maria. A tecnologia assistiva aplicada aos casos de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 31, p. e541, 7 out. 2019. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/541> Acesso em: 10 maio 2021.

QUARESMA, H. D. V.; SILVA, V. G. da. AUTISMO INFANTIL: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS PSICOLÓGICAS. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, [S. l.], v. 14, n. 4, p. 85–90, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rbcs/article/view/9943>. Acesso em: 24 maio 2021.

QUEIROZ, Norma Lucia Neris de. et al. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 16, n. 34, p. 169-179, maio. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rbcs/article/view/9943>. Acesso em: 14 maio 2021.

RAMOS, Maria do Socorro Sales. **O brincar na educação infantil**. 2016. 39 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/1771>. Acesso em: 17 maio 2021.

RAPIN, Isabelle; GOLDMAN, Sylvie. A escala CARS brasileira: uma ferramenta de triagem padronizada para o autismo. **Jornal de Pediatria**, v. 84, n. 6, p. 473-475, nov. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/3bMdRWRV33YgZTB8ZJTMjDJ/?lang=pt>. Acesso em: 18 março 2021.

ROSA, A. R. (2013). **A importância de brincar no exterior: análise dos níveis de envolvimento de crianças em idade pré-escolar**. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Curso de Psicologia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/25510>. Acesso em: 10 maio 2021.

SOARES, Gisele Rodrigues; FLORES, Maria Luiza Rodrigues. " Desemparedar" na educação infantil: o que dizem a literatura e os documentos curriculares nacionais sobre o uso das áreas externas. **Para pensar a educação infantil em tempos de retrocessos: lutamos pela educação infantil**. Porto Alegre. Ed. da UFRGS, 2017. p. 111-127, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/171141>. Acesso em 19 maio 2021.

Sociedade Brasileira de Pediatria. Manual de orientação: Transtorno do Espectro Autista. Rio de Janeiro: SBP, 2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21775c-MO_-_Transtorno_do_Espectro_do_Autismo.pdf. Acesso em: 16 março 2021.

O COMEÇO da vida 2: Lá fora. Direção de Renata Terra. Roteiro: Renata Terra. [S.I.]: Maria Farinha Filmes, 2020. (90 min.), son., color. Legendado. Disponível em: www.netflix.com.br. Acesso em: 16 maio 2021.

YVGOTSKY, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEF, Aléxis N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 11. ed. Tradução: Maria da Pena Villalobos. São Paulo: Ícone, 2010. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/humanizacao/wp-content/uploads/sites/14/2017/04/VIGOTSKI-Lev-Semenovitch-Linguagem-Desenvolvimento-e-Aprendizagem.pdf>. Acesso em: 10 maio 2021.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Tradução: Jose Octavio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre Rio de Janeiro: Imago, 1975. Título original: *Playing and Reality*. Disponível em: <http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2017/10/O-brincar-e-a-realidade.pdf>. Acesso em: 17 abril 2021.

YUNES, Maria Ângela Mattar; JULIANO, Maria Cristina. A Bioecologia do Desenvolvimento Humano e suas Interfaces com Educação Ambiental. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 37, n. 0, p.

347-379, dezembro 2010. Disponível em:
<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1591>. Acesso em: 17 abril 2021.